

FINANÇAS

FINANÇAS PESSOAIS: UMA ANÁLISE ACERCA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA DOS GRADUANDOS EM ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS DE CARUARU-PE

Resumo

A falta de conhecimento sobre educação financeira pessoal chega a ser uma questão cultural no Brasil, cuja ausência de controle e planejamento financeiro tem contribuído sobremaneira para o crescente endividamento dos jovens. Diante disso, a presente pesquisa survey de caráter exploratório-descritiva e abordagem mista objetivou analisar qual a interferência da falta de uma disciplina direcionada para educação financeira pessoal nas finanças pessoais e conseqüentemente no comportamento financeiro dos jovens universitários, dos cursos de Administração e Economia inseridos na UPE e UFPE, *campus* Caruaru. Constatou-se então que os acadêmicos possuem conhecimento superficial sobre o tema abordado, conseqüência da falta de instrução ao longo de sua formação acadêmica, como interferência notou-se que a ausência de uma disciplina sobre finanças pessoais faz com que algumas competências acerca da temática não fossem desenvolvidas pelos respondentes.

Palavras-chave: Consumo. Competências. Educação Financeira Pessoal. Endividamento. Planejamento.

Abstract

The lack of knowledge about personal financial education is a cultural issue in Brazil, whose lack of control and financial planning has greatly contributed to the growing indebtedness of young people. Therefore, this survey survey of exploratory-descriptive character and mixed approach aimed to analyze the interference of the lack of a discipline directed to personal financial education in personal finances and consequently in the financial behavior of young university students, of the courses of Administration and Economics inserted in the UPE and UFPE, Caruaru campus. It was found then that the students have superficial knowledge about the theme addressed, as a consequence of the lack of education throughout their academic education, as interference it was noted that the absence of a discipline on personal finances causes some competencies on the theme not to be developed by the respondents.

Keywords: Consumption. Skills. Personal Financial Education. Debt. Planning.

1. INTRODUÇÃO

Possuir uma boa gestão de finanças pessoais é relevante para quem deseja educar-se financeiramente, e assim manter o equilíbrio entre as receitas e as despesas, garantindo uma relação equilibrada com o dinheiro, e se possível, livrar-se de dívidas ou finanças desordenadas. A fórmula parece simples, equilibrar receita e despesa. Uma decisão que deve ser adotada, tanto em uma empresa como na vida pessoal. No entanto, o volume de ofertas, promoções e condições tentadoras provocam no consumidor um desejo, muitas vezes, incontrolável de comprar. Para Savoia, Saito e Santana (2007) não há como negar que a educação financeira é fundamental na sociedade brasileira contemporânea, visto que influencia diretamente as decisões econômicas dos indivíduos e das famílias.

No Brasil a ausência de educação financeira chega a ser uma questão cultural, resultado da inflação e instabilidade econômica, em que as pessoas eram forçadas a gastar em curto prazo tudo o que ganhavam, pois, o valor do dinheiro sofria acelerada desvalorização. Essa realidade muda com a implantação do Plano Real, que trouxe estabilização da moeda e o aumento do poder de compra da população (Batista, 1996). Por consequência, a facilidade de crédito, por meio de cheque especial, financiamentos e a disseminação do chamado dinheiro de plástico (os cartões de crédito) facilitam e favorecem a compra por impulso. O resultado entre o aumento do crédito e a falta de conhecimentos sobre a gestão do dinheiro é o endividamento e, por consequência, a inadimplência.

Neste sentido, educação financeira pode trazer e desenvolver diversos benefícios, competências e habilidades, entre os quais, possibilitar o equilíbrio das finanças pessoais, preparar para o enfrentamento de imprevistos financeiros e para a aposentadoria, qualificar para o bom uso do sistema financeiro, reduzir a possibilidade de o indivíduo cair em fraudes, preparar o caminho para a realização de sonhos, enfim, tornar a vida melhor. A administração financeira pessoal está intimamente ligada a um planejamento bem elaborado e controlado.

Segundo Confort e Weschenfelder (2010), o planejamento financeiro pessoal torna-se fundamental para que as pessoas organizem seus recursos financeiros, pois, sem organização, projeção, planejamento e controle, a aplicabilidade dos recursos financeiros de cada pessoa, torna-se totalmente descontrolável, ocasionando em uma situação financeira deficitária.

O nível de endividados aumenta de forma gradativa, segundo uma pesquisa feita pelo Serviço de Proteção ao Crédito Brasil e a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CDNL), o número de jovens inadimplentes atinge 4,81 milhões de negativados entre 18 e 24 anos no Brasil. Diante disso, observa-se a necessidade dos conhecimentos sobre finanças pessoais, bem como educação financeira, sobretudo entre os jovens.

Visto a necessidade e relevância da educação financeira na vida das pessoas em geral, e considerando que há uma falta de instrução sobre assuntos relacionados a esse tema, no campo de amostra da pesquisa, onde foi feito um levantamento da grade curricular dos cursos antes de iniciar-se o estudo. O presente artigo objetivou analisar a interferência da falta de uma disciplina direcionada para educação financeira pessoal nas finanças pessoais e conseqüentemente no comportamento financeiro dos jovens universitários, a fim de responder o seguinte questionamento: Qual a interferência da falta de inserção de uma disciplina voltada para a educação financeira pessoal nas finanças pessoais e no comportamento financeiro dos jovens?

Sendo assim, realizou-se uma pesquisa *survey* de caráter exploratório e abordagem mista, com os alunos dos Cursos de Administração e Economia da Universidade de Pernambuco (UPE) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ambos do *campus* Caruaru.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A educação financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessárias para se tornarem mais conscientes das oportunidades e dos riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar (OCDE, 2005). Assim, podem contribuir de modo mais consistente para formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.

A educação financeira baseia-se nos hábitos perante a gestão financeira das pessoas ou famílias, naquilo que se obtém e se gasta, porém não consiste somente em aprender a economizar, cortar gastos, poupar e acumular dinheiro, é muito mais que isso. É buscar uma melhor qualidade de vida tanto hoje quanto no futuro, proporcionando a segurança material necessária para aproveitar os prazeres da vida e ao mesmo tempo obter uma garantia para eventuais imprevistos. Segundo Arcuri (2018), poupar não é só acumular um monte de dinheiro. Poupar tem a ver com realizar sonhos. É necessário ter foco, estabelecer prioridades e até abrir mão de uma ou outra coisa em nome de um objetivo maior.

Para Pinheiro (2008), a educação financeira é a habilidade que cada indivíduo tem de fazer as escolhas certas ao administrar seus recursos financeiros durante a sua vida. Além disso, quando devidamente instruídos tornam-se aptos para lidar com as mais imprevisíveis, questões financeiras do dia a dia, além de solucionar situações adversas em sua vida e na de seus familiares.

Na visão de Negri (2010), a educação financeira pode ser definida como um processo educativo pelo qual são aplicados métodos próprios que desenvolvem atividades para auxiliar os consumidores a gerirem suas rendas, a poupem e a investirem. Lopes (2014) ressalta a importância de a educação financeira começar nos níveis mais básicos de ensino para inserir desde cedo os indivíduos no contexto econômico-financeiro.

A Pesquisa Nacional de Educação Financeira em parceria com Bolsa de Mercados e Futuros (BM&F) e a Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA), conduzida pela Data Folha, confirmou que o nível de educação financeira do brasileiro é baixo. Foram entrevistadas 1.809 pessoas em cinco capitais do Brasil (Porto Alegre, São Paulo, Rio Janeiro, Brasília e Salvador) de diferentes níveis de renda e de instrução financeira, dos quais 36% das pessoas tem perfil gastador, e 31% são os que reservam parte da renda para a aposentadoria, e revelou também, que há uma crescente parcela da população destinando uma maior parte da sua renda ao consumo imediato, reduzindo assim as taxas de poupança (Data Popular, 2008).

Lucena e Maciel (2010) alertam sobre a necessidade de programas de educação financeira que visem orientar e conscientizar a população sobre conceitos básicos de finanças, de controle de gastos, bem como no que se refere ao crédito, investimento e poupança.

Diante disso, Lucci *et al* (2014), ressaltam que em um mundo onde há inúmeros e diversos produtos financeiros como cheque especial, cartão de crédito, financiamentos e leasing, crédito direto ao consumidor, poupança e fundos de investimentos, cada vez mais cedo as pessoas estão tendo contato com algum tipo destes produtos. O que alarma, entretanto, de acordo com os autores, é o pouco, ou nenhum conhecimento sobre como utilizá-los corretamente. Entre as consequências estão à desorganização das contas domésticas e inclusão do nome em sistemas como SPC/ SERASA.

A falta de educação financeira nas escolas faz com que haja um despreparo ainda maior dos jovens que ao deixarem o ensino médio ingressam no mercado de trabalho e, ou, no ensino superior e passam a ser alvo das instituições financeiras. Antes mesmo de terem um emprego que garanta sua renda mensal, os jovens têm acesso a inúmeras formas de crédito o que colabora para aumento do número de inadimplência (Franco, 2007).

2.2 FINANÇAS PESSOAIS

“Finanças pessoais é a ciência que estuda a aplicação de conceitos financeiros nas decisões financeiras de uma pessoa ou família” (Cherobim e Espejo, 2010, p.1). Entre estes conceitos estão às receitas, despesas, investimentos, poupança, financiamentos, planos de aposentadoria e seguros. Para Lemes (2002), finanças pessoais têm como objetivo que os indivíduos apliquem os conceitos de finanças e economia, buscando a tomada de decisão coerente com o planejamento financeiro, para que possa atingir a satisfação dos desejos e necessidades, sem comprometer as finanças.

Pires (2006) enfatiza que, em uma economia baseada no sistema de moeda e crédito, entende-se por finanças pessoais a habilidade de lidar com o dinheiro, seja ele próprio ou de terceiros, a fim de se obter acesso a bens e serviços. Portanto, em resumo, finanças pessoais tem o propósito de orientar o equilíbrio entre ganhar e gastar, ou seja, é preciso que os indivíduos tomem decisões baseadas na gestão de suas finanças pessoais. Deste modo, a educação financeira desenvolve habilidades e conhecimentos específicos que permite o indivíduo a fazer as melhores escolhas baseadas em seus recursos financeiros (Hsu Tong *et al.*, 2013).

Entretanto, conforme Marques, Souza e Pessoa (2014), as pessoas não agem racionalmente a todo o momento, sendo influenciadas pelos fatores psicológicos na hora da tomada de decisões. Eles são responsáveis por cometer erros sistemáticos no processo de tomada de decisões, pois, a todo o momento, as pessoas precisam tomar decisões financeiras e, estas, terão impacto na vida pessoal (Matsumoto, 2013).

Vieira *et al.* (2009, p.3) “confirma que a educação financeira é um bom caminho para desenvolver habilidades que favoreçam as melhores tomadas de decisão, além da gestão das finanças pessoais. Obviamente, o equilíbrio financeiro, depende da capacidade de equilibrar gastos e despesas.” Considerar o estilo de vida, realizar controle dos gastos, reduzir as compras por impulso, podem ser excelentes estratégias para manter o equilíbrio das finanças pessoais (Domingos, 2007).

“Equilíbrio financeiro não está em ter as contas em dia, sem dívidas atrasadas e sem investimentos. O equilíbrio desse tipo de situação é muito tênue e pode se desfazer diante de qualquer imprevisto. O Patrimônio Mínimo de Sobrevivência é aquele que você precisa ter para simplesmente poder dar um rumo a sua vida em caso de desemprego, doença ou planos frustrados em sua atividade de negócios. É com essa reserva que você manterá seu

padrão de consumo até que as coisas se normalizem” (CERBASI, 2009, p.18).

Mas, segundo Hoji (2010), não existe uma fórmula geral que sirva indistintamente para todos, pois cada indivíduo precisa descobrir sua maneira de equilibrar e usar as técnicas mais adequadas a sua realidade econômico-financeira. Controlar os gastos e manter o equilíbrio e planejamento financeiro, não exige cálculos complexo e sim bastante disciplina, controle e, em algumas vezes, renúncias por algumas compras. Conseqüentemente é preciso que haja consciência, planejamento e controle financeiro.

2.3 PLANEJAMENTO FINANCEIRO

A administração financeira pessoal está intimamente ligada a um planejamento bem elaborado e controlado. Segundo, Lemes (2015), o planejamento financeiro tem grande importância para a vida das pessoas, é fator decisivo para ter-se um futuro tranquilo, com riqueza e bens acumulados, é uma ferramenta muito útil para nortear quanto aos projetos, gastos e ganhos necessários e possíveis para que se alcancem os objetivos pessoais e financeiros, permitindo analisar esses objetivos, necessidades e prioridades, com a importância de fortalecer o orçamento para não se surpreende com gastos extraordinários tentando evitar ou passar da melhor forma por situações de crise, protegendo-se de eventuais instabilidades, além de estabelecer limites aos impulsos de consumo.

Segundo Ferreira (2006), a etapa de planejar seu dinheiro é a primeira que compõem o processo de realizar o planejamento financeiro pessoal. Já na compreensão de Macedo (2007), afirma que o planejamento financeiro pessoal permite a realização de sonhos como parar de trabalhar e estudar fora do país, procurar um emprego que se sinta melhor, sem ficar dependente financeiramente do atual, realizar uma viagem de férias e muitos outros planos que for conveniente.

Para Santos (1984) o planejamento financeiro significa ordenar a vida financeira de tal maneira que permita ao indivíduo ter reservas para os imprevistos e sistematicamente construir um patrimônio, seja ele financeiro ou imobiliário, que garanta fontes de renda suficientes para propiciar uma vida tranquila e confortável.

“O planejamento financeiro tem um objetivo muito maior do que simplesmente não ficar no vermelho. Mais importante do que conquistar um padrão de vida é mantê-lo, e é para isso que devemos planejar. Os maiores benefícios dessa atitude serão notados alguns anos depois, quando a família estiver usufruindo a tranquilidade de poder garantir a faculdade dos filhos ou a moradia no padrão desejado.” (CERBASI, 2004, P.22)

Assim, segundo Santos (1984) ter um orçamento escrito e formalmente organizado é uma condição necessária para ter um planejamento financeiro satisfatório. Muitas pessoas chegam a elaborar um orçamento, mas desistem ao verificar que ele não funciona a contento. Um bom planejamento financeiro pessoal começa pela criação de um orçamento pessoal confiável, o que significa previsões com um satisfatório grau de precisão.

Dessa forma, de acordo com o Caderno de Educação Financeira – Banco Central do Brasil (BACEN, 2013), o orçamento deve ser visto como uma ferramenta de planejamento financeiro pessoal que contribui para a realização de sonhos e projetos. Por isso, é importante que toda movimentação de recursos financeiros,

incluindo todas as receitas (rendas), todas as despesas (gastos) e todos os investimentos, esteja anotado e organizado.

2.4 CONSUMO E ENDIVIDAMENTO

Vivemos em um mundo em que o consumo faz parte da natureza do ser humano, já que é preciso consumir para obter o que é necessário para nossa sobrevivência, mas nota-se que as necessidades acabam por ser criadas ou modificadas de acordo com os interesses do capital.

“Necessidade é conceito relativo. As necessidades não são constantes porque elas são categorias da consciência humana desde que a sociedade se transforma, a consciência da necessidade transforma-se também. O problema é definir exatamente em que a necessidade é relativa, e entender como as necessidades surgem”. (HARVEY, 1980, P. 87)

Os cidadãos são transformados em simples consumidores, que são movidos de acordo com os interesses do capital, que imputam ao indivíduo o imediatismo, ou seja, a felicidade está contida no consumir nesse instante, com funcionalidade e rapidez, o que transforma em prazer o ato de consumir, e promove o aparecimento de “novas necessidades” a todo instante.

“Depois de estarem preenchidas as necessidades básicas ou primárias, a evolução da sociedade de consumo trouxe o desenvolvimento de necessidades no domínio do lazer e da cultura, o consumo dos sentidos associados a objetos e situações. Com o avanço da modernidade e os aumentos da complexidade social, o consumo passa a desempenhar um papel decisivo na construção das identidades.” (SALGUEIRO, 2006, p. 18)

Pintaudi (1989, p. 06) resume bem tal condição: “O psíquico do ser humano é muito bem trabalhado pela propaganda”. Dessa forma, segundo Silva (2014, p.14), “consumir é a maneira mais rápida e eficaz de ter, e, numa sociedade com abundância produtiva, esses dois verbos (ser e ter) viram sinônimos absolutos.”

Exemplo disso é possível ver no filme “Amor por contrato” de 2010, uma comédia que reflete uma família aparentemente perfeita, que se muda para um novo bairro e imediatamente passa a ser o centro das atenções, sempre pelos melhores motivos, mas a família perfeita na verdade é uma farsa, parte de uma campanha de marketing de uma empresa, responsável pela divulgação de inúmeros produtos luxuosos a famílias de todo o mundo, criando necessidades irrelevantes para a vida dos vizinhos que passam a ambicionar os “vizinhos ricos e felizes”. Entendemos que o indivíduo é condicionado ao consumo, criando necessidades que, na verdade, são impostas pela mídia e pelo marketing, como coloca Santos (2003, p. 127) “Consumir não mais por necessidade, mas por ansiedade.”

Dessa forma, o mimetismo social, de forma geral, também conduz os jovens ao consumo. Eles seguem uma onda de “ostentação” que os leva ao consumismo em busca um status nem sempre compatível com suas rendas, consomem mais do que a sua capacidade de pagamento, conseqüentemente este fato acarreta no endividamento desses jovens.

Zerrenner (2007) define endividamento como a impossibilidade de comprador honrar seus pagamentos. Este mesmo autor classifica o endividamento em duas possibilidades, sendo ativo ou passivo, onde na primeira situação o indivíduo contribui ativamente para se colocar em situação de impossibilidade de

pagamento, já o segundo é resultado de circunstâncias não controláveis, assumidas pelo indivíduo.

Segundo Moura (2005), o endividamento está associado ao materialismo, onde as pessoas adquirem bens sem muitas vezes ter a necessidade, ou seja, a compra por impulso. Ferreira (2008), afirma que os indivíduos organizam sua vida financeira em contas mentais, ou seja, estas contas são administradas de maneira subjetiva, perdendo o controle das dívidas por não fazer um controle de acordo com os ganhos salariais.

No Brasil pode se dizer que existe uma Cultura do Endividamento, segundo Tolotti (2008), as principais causas são a falta de educação financeira, o consumo excessivo e os baixos rendimentos. Já na visão de Gastaldi (1995) outras variáveis podem somar a estas causas como sexo, idade, etnia, educação, história familiar, renda, número de cartões de crédito e sua utilização sem controle, bem como variáveis relacionadas a fatores psicológicos como bem-estar e satisfação. Por considerar que o endividamento possa estar relacionado a motivações afetivas e má gestão financeira, a pouca racionalidade do uso do dinheiro sem controle, justifica gastos acima do limite financeiro disponível do indivíduo.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se pela sua abordagem mista, pois procura traduzir números, opiniões e informações para classificar e analisar, usando recursos estatísticos (Prodanov e Freitas, 2013). Deste modo, a pesquisa vai traduzir os dados pessoais, as opiniões, conhecimentos e competências desenvolvidas pelos universitários em dados estatísticos para uma possível análise.

Quanto ao objetivo da pesquisa enquadra-se como exploratório-descritiva, pois “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 61).

O procedimento metodológico adotado é *survey*, segundo Babbie (1999) a pesquisa do tipo *survey*, termo em inglês que se destina a pesquisa em grande escala caracteriza-se por sua abordagem quantitativa, que visa coletar as opiniões das pessoas por meio de questionários ou entrevistas.

Dessa forma, elaborou-se um questionário com 21 questões, todas objetivas, com vistas a permitir uma análise quantitativa dos dados, para posteriormente “traduzir em números as opiniões e informações para serem classificadas e analisadas” (Rodrigues, 2007, p. 9), divididas em perguntas de análise pessoal e perguntas sobre os conhecimentos e competências que os acadêmicos julgam possuir sobre educação financeira pessoal. O instrumento de coleta de dados foi submetido a um pré-teste realizado com dez acadêmicos da área afim, com o propósito de verificar se as questões estavam bem elaboradas e de fácil entendimento.

A *survey* foi aplicada por meio eletrônico através das redes sociais, a partir do envio de um link, sem a necessidade de identificação, onde tiveram a liberdade de responder de acordo com suas convicções. A amostra da pesquisa foi composta por acadêmicos dos cursos de Administração da UPE e UFPE e de Economia da UFPE do *campus* Caruaru, onde observou-se que não havia componente curricular voltado para a educação financeira. Em 2018 os cursos possuíam um total de 1361 alunos matriculados, sendo que 166 alunos matriculados no curso de Administração – UPE, 726 em Administração – UFPE e 469 em Economia – UFPE. Foi coletado um total de 125 respostas dos três cursos.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A análise do cenário nacional no que concerne à educação financeira pessoal, nos permite observar que a ausência de educação financeira chega a ser uma questão cultural, conseqüentemente, o nível de conhecimento dos jovens ainda é baixo o que está acarretando no endividamento precoce. Diante dessa realidade e com o objetivo de verificar qual a interferência da falta de inserção de uma disciplina voltada para a educação financeira pessoal nas finanças pessoais e no comportamento financeiro dos jovens, foi realizado um questionário eletrônico no campo de amostra citado na metodologia.

A amostra da pesquisa foi composta por um total de 125 respondentes, sendo que destes 39,2% estão inseridos no curso de Administração - UPE, 40,8% no curso de Administração – UFPE e 20% são de Economia – UFPE. Este campo de amostra foi escolhido pelo fato de serem cursos que ofertam cadeiras de finanças, porém todas voltadas para o gerenciamento das finanças empresariais. Outro fator que também influenciou na escolha foi o fato de possuir acesso aos universitários e ao corpo docente das duas universidades.

Do total de respondentes 62,4% é do sexo feminino e 37,6% é do sexo masculino. Segundo pesquisas do Portal Brasil (2016), com informações fornecidas pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social, as mulheres são maioria nas escolas, universidades e cursos de qualificação.

A faixa etária dos respondentes: 52,8% estão entre 21 a 25 anos, 37,6% estão entre 16 a 21 anos, 7,2% estão entre 26 a 30 anos e 0,8% está entre 31 a 35 anos, o mesmo percentual se aplica a faixa etária de 36 a 40 anos e acima de 40 anos. Nota-se que a faixa etária entre 16 a 25 anos é a predominante, é justamente nessa faixa etária que se encontra os jovens inadimplentes. Segundo a pesquisa feita pelo SPC Brasil e CDNL, citada anteriormente, o número de jovens inadimplentes atinge 4,81 milhões de negativados entre 18 e 24 anos no Brasil.

Do total de respondentes 56,8% exercem atividade remunerada e 43,2% não exercem. A seguinte pergunta levou o respondente a seções distintas, caso respondesse sim, posteriormente informaria qual o seu ganho mensal, caso respondesse não, informaria posteriormente como se sustenta e qual o seu ganho mensal. A seguir serão mostrados seus respectivos dados.

A renda mensal dos respondentes que exercem atividade remunerada, considerando que o valor do salário mínimo, quando aplicado a *survey*, era de R\$ 954,00 (novecentos e cinquenta e quatro reais). Dessa forma, 47,9% dos respondentes recebem até R\$954,00, 45,1% recebem entre R\$955,00 á R\$1.908,00, 4,2% recebem entre R\$1.909,00 á R\$2.862,00 e 4,2% recebem acima de R\$2.862,00. Dos respondentes que não exercem atividade remunerada, 88% recebem menos de R\$954,00, 6% de R\$954 á R\$1.908,00 e 6% acima de R\$1.908,00.

Dos respondentes que não exercem atividade remunerada, 68,7% informaram que dependem dos pais e/ou familiares para manter seu sustento, 48,1% dependem de auxílio e bolsas da faculdade, 1,9% se sustenta de aluguel de casa e o mesmo percentual se aplica para sustentos advindos de vendas e bicos. Muitos universitários não ingressam no mercado de trabalho, pois o mesmo encontra-se altamente competitivo e exigente, segundo Webber (2008), Gerente Geral de Marca e Comunicação Corporativa do Grupo Votorantim e Membro do Conselho Deliberativo da Aberje, afirma que estamos vivendo em uma sociedade

urgente, imediatista e sem paciência. Se não pararmos para refletir, já estamos querendo até que os estagiários, que vêm para as empresas começar suas carreiras, cheguem prontos e com muito jogo de cintura.

Quando perguntado como se consideram atualmente diante de suas despesas e gastos: 62,4% afirmam que possuem total controle dos seus gastos e evitam comprar de forma parcelada, 32,8% se consideram endividados, 3,2% afirmaram estar inadimplentes e 1,6% se consideram endividados e inadimplentes. Como citado anteriormente, segundo Tolotti (2008), as principais causas que levam os jovens ao endividamento e por consequência a inadimplência é a falta de educação financeira, o consumo excessivo e os baixos rendimentos. De acordo com referencial, elaborado para dar respaldo teórico à pesquisa, Pintaudi (1989), o psíquico do ser humano é muito bem trabalhado pela propaganda. Dessa forma, segundo Silva (2014), consumir se tornou a maneira mais rápida e eficaz de ter, e, numa sociedade com abundância produtiva, esses dois verbos (ser e ter) viram sinônimos absolutos.

Quando afirmado aos respondentes que nos seus respectivos cursos havia disciplinas sobre finanças pessoais: 62,4% discordaram com a afirmativa e 37,6% concordaram. Antes de iniciar a pesquisa foi feito um levantamento, onde se procurou informar-se se os cursos utilizados como amostra ofertava alguma cadeira ou até mesmo eletivas sobre educação financeira pessoal e verifiquei que nenhum desses cursos oferta nada relacionado esse tema, todas as cadeiras de finanças estão atreladas ao ramo empresarial. Segundo Dias, *et al* (2017), os jovens dos cursos utilizados como amostra, possui a oportunidade de aprender a ministrar diferentes aspectos da vida empresarial, tornando-se jovens formados para atuarem no mercado empresarial, uma vez que o objetivo dos cursos é formar gestores de empresas. Nota-se então que a falta de instrução e conhecimento no assunto leva os universitários a acharem que possuem cadeiras nessa área, quando na verdade estão aprendendo teoricamente a ministrarem as organizações em seus respectivos ramos.

Quando perguntado aonde os respondentes julgam haver adquirido os conhecimentos sobre educação financeira pessoal: 55,2 % informaram que foi no âmbito familiar, 47,2% informaram ser autodidatas, 35,2% na faculdade, 6,4% na escola, 4% outros, 0,8% na empresa em que trabalha, o mesmo percentual se aplica aos respondentes que informaram ter adquirido por meio da vida, por meio de amigos e reportagens e no trabalho, respectivamente. Como citado anteriormente, segundo a Pesquisa Nacional de Educação Financeira em parceria com BM&F BOSVSPA (Data Popular, 2008), o nível de educação financeira do brasileiro é baixo. Lucena e Maciel (2010) alertam sobre a necessidade de programas de educação financeira que visem orientar e conscientizar a população sobre conceitos básicos de finanças, de controle de gastos, bem como no que se refere ao crédito, investimento e poupança.

Quando apresentado o conceito de Educação Financeira e logo em seguida afirmado aos respondentes, "Você é educado financeiramente", 32,8% concordam totalmente com afirmativa, 30,4% concordam, 31,2% é indiferente, 4,8% discorda e 0,8% discordam totalmente. Como dito anteriormente, no Brasil a ausência de educação financeira chega a ser uma questão cultural, diante desse fato manter o equilíbrio entre suas receitas e despesas passou a ser um hábito muito difícil, pois a mudança no comportamento das pessoas, juntamente com a falta de instrução levam os jovens ao desequilíbrio financeiro. Segundo Pinheiro (2008), citado anteriormente no referencial, a educação financeira é a habilidade que cada

indivíduo tem de fazer as escolhas certas ao administrar seus recursos financeiros durante a sua vida. Além disso, quando devidamente instruídos tornam-se aptos para lidar com as mais imprevisíveis, questões financeiras do dia a dia, além de solucionar situações adversas em sua vida e na de seus familiares.

Quando afirmado que fazem compra por impulso, 9,6% concordam totalmente com a afirmativa, 16,8% concordam, 30,4% é indiferente, 26,4% discorda e 16,8% discordam totalmente. É notório que o volume de ofertas, promoções e condições tentadoras provocam no consumidor um desejo, muitas vezes, incontrolável, atrelado a essa oferta está à facilidade de crédito, por meio de cheque especial, financiamentos, os cartões de crédito, que consequentemente facilitam e favorecem a compra por impulso.

Ao ser afirmado que a falta de gestão financeira pode levar ao endividamento, 73,6% concordam totalmente com a afirmação, 18,4% concorda, 4% é indiferente e o mesmo percentual discorda. Vários autores, dentre eles podemos citar, Ferreira (2008), Tolotti (2008), Gastaldi (2008), Cerbasi (2004), Conforte e Weschenfelder (2010), afirmam que a falta de gestão financeira é um dos fatores que levam ao endividamento.

Quando afirmado que os respondentes possuem investimentos, 11,2% concordam totalmente com a afirmação, 7,2% concordam, 11,2% é indiferente, 8% discorda e 62,4% discordam totalmente. Nota-se que mais da metade dos respondentes não possuem investimentos atualmente, consequência da falta de instrução sobre educação financeira pessoal, na visão de Negri (2010), como citado anteriormente, a educação financeira pode ser definida como um processo educativo pelo qual são aplicados métodos próprios que desenvolvem atividades para auxiliar os consumidores a gerirem suas rendas, a pouparem e a investirem.

Ao ser afirmado que é possível os respondentes aplicar os conceitos vistos em aula na gestão de suas finanças, 37,6% concorda totalmente com a afirmativa, 33,6% concordam, 17,6% é indiferente, 6,4% discorda e 4,8% discordam totalmente. Percebe-se então que mesmo os cursos não ofertando cadeiras de finanças pessoais alguns dos respondentes conseguem fazer uma correlação dos conceitos de finanças atrelados ao mundo empresarial na gestão de seu capital.

Ao ser afirmado que é importante estudar educação financeira pessoal na graduação: 78,4% concordam totalmente com a afirmação, 12% concordam, 6,4% são indiferentes, 2,4% discorda e 0,8% discordam totalmente. É evidente que estudar sobre educação financeira pessoal é de extrema relevância. Como respaldo para essa afirmação, cito autores os autores Lucena e Maciel (2010), Franco (2007), afirmam que é preciso fomentar programas de educação financeira que visem orientar e conscientizar a população.

Quando afirmado que em caso de perda total das fontes de rendimentos dos respondentes eles conseguiriam manter-se no atual padrão de vida utilizando suas economias até os próximos cinco meses, 13,6% concordam totalmente, 9,6% concordam, 19,2% é indiferente, 25,6% discorda e 32% discordam totalmente. A falta de instabilidade financeira diante de imprevistos é uma das consequências causada pela falta de planejamento e equilíbrio financeiro, onde segundo Cerbasi (2012) o planejamento financeiro equilibrado vai acarretar na formação do Patrimônio Mínimo de Sobrevivência, ou seja, aquele que você precisa ter para simplesmente poder dar um rumo a sua vida em caso de desemprego, doença ou planos frustrados em sua atividade de negócios. É com essa reserva que você manterá seu padrão de consumo até que as coisas se normalizem.

Quando afirmado que a educação financeira é importante para a vida de todos, dessa forma, precisa ser inserida na formação acadêmica de qualquer profissional, desde a educação básica, 80% concordam totalmente com a afirmação, 12,8% concordam, 5,6% é indiferente e 1,6% discordam. Nota-se que a maioria dos respondentes concorda em inserir essa disciplina na formação dos jovens em geral, e realmente é preciso instruir para que possam tomar decisões certas. Lopes (2014), citado anteriormente, ressalta a importância de a educação financeira começar nos níveis mais básicos de educação para inserir desde cedo os indivíduos no contexto econômico-financeiro, deve focar o planejamento financeiro pessoal, a poupança, a aposentadoria, o endividamento e a contratação de seguros, entre outros assuntos.

Ao ser afirmado que os apelos midiáticos influenciam no consumo impulsivo e a educação financeira pessoal melhora a capacidade crítica nas decisões de compra, 72,2% concordam totalmente com a afirmativa, 13,6% concordam, 8% são indiferentes, 4% discorda e 1,6% discordam totalmente. Autores como Pintaudi (1989), Silva (2014), Pires (2006), Santos (2003), todos citados anteriormente, falam sobre as propagandas e publicidades que influenciam e levam as pessoas ao consumo compulsivo. Vieira *et al* (2009), afirma que a educação financeira é um bom caminho para desenvolver habilidades que favoreçam as melhores tomadas de decisão.

Quando apresentado a definição sobre educação financeira pessoal dando ênfase as competências desenvolvidas no decorrer do aprendizado sobre finanças pessoais, posteriormente sendo perguntado aos respondentes quais competências eles julgam possuir, podendo então assinalar mais de uma alternativa, dessa forma, as competências que os respondentes mais julgam possuir são: 72,2% julgam tomar decisões financeiras conscientes e responsáveis, 59,2% julgam harmonizar desejos e necessidades, refletindo sobre os próprios hábitos de consumo e poupança, 52,8% julgam avaliar ofertas e tomar decisões financeiras autônomas de acordo com as reais necessidades, 47,2% julgam elaborar planejamento financeiro no curto, médio e longo prazo e o mesmo percentual julgam analisar alternativas para superar dificuldades econômicas, 4,8% dos respondentes julgaram não possuir nenhuma das competências citadas. Nota-se então que competências como valer-se do sistema financeiro formal para a utilização de serviços e produtos financeiros atuar como disseminador dos conhecimentos e práticas de Educação Financeira valer-se de mecanismos de prevenção (eventos futuros como previdência) e proteção financeira (reparação de danos como práticas abusivas, esquemas, fraudes e golpes) de curto, médio e longo prazo são as competências que os respondentes julgam menos possuir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário econômico atual os recursos financeiros e sua administração são fundamentais para o equilíbrio financeiro dos indivíduos. Diante deste contexto, faz-se necessário buscar ferramentas de conhecimento voltado à área da gestão das finanças pessoais para poder garantir que não haverá imprevistos futuros, evitando resultados negativos e até um desequilíbrio orçamentário que comprometa o planejamento financeiro pessoal e familiar. A gestão consciente das finanças pessoais pode proporcionar aos indivíduos que atinjam seus objetivos, bem como mantenham a estabilidade financeira pessoal.

O objetivo do estudo foi analisar qual a interferência da falta de uma disciplina direcionada para educação financeira pessoal nas finanças pessoais e

consequentemente no comportamento financeiro dos jovens universitários dos cursos de Administração e Economia, da UPE e UFPE, *campus* Caruaru. Diante do cenário econômico atual, se fez necessário verificar qual o perfil financeiro de cada respondente, tendo como finalidade analisar os conhecimentos sobre educação financeira pessoal, onde adquiriram tal conhecimento e quais são os conhecimentos, habilidades e competências desenvolvidas por eles, com o estudo desse eixo de ensino.

Constatou-se então que a hipótese da pesquisa foi comprovada, pois os acadêmicos possuem um conhecimento superficial sobre o tema abordado, onde a maioria informou ter adquirido esse conhecimento no âmbito familiar e por conta própria, sendo assim, boa parte dos respondentes afirmam que possui total controle dos seus gastos, se utilizam de ferramentas para isso, entretanto se acontecer algum imprevisto, muitos não conseguem manter seu atual padrão de vida, não possuem nenhum tipo de investimento, concordam que o estudo sobre educação financeira pessoal melhora a capacidade crítica para controlar o consumo compulsivo e deveria ser inserida na educação básica das redes de ensino. Como interferência da falta de uma disciplina sobre educação financeira pessoal constatou-se que algumas competências e habilidades não são desenvolvidas pelos respondentes.

Através dos resultados da pesquisa é possível concluir que mesmo os cursos oferecendo apenas cadeiras sobre finanças empresariais, alguns acadêmicos afirmaram conseguir aplicar conceitos vistos em aula na gestão de suas finanças, contudo não conseguem desenvolver todos os conhecimentos, competências e habilidades que uma disciplina específica iria desenvolver. De acordo com a pesquisa, as competências que menos são desenvolvidas são: valer-se do sistema financeiro formal para a utilização de serviços e produtos financeiros, atuar como disseminador dos conhecimentos e práticas de Educação Financeira valer-se de mecanismos de prevenção e proteção financeira de curto, médio e longo prazo. Sendo assim, é de grande relevância a inserção de programas educacionais sobre finanças pessoais, na educação básica, desde o ensino infantil, que instrua aos alunos administrarem sua própria vida financeira, pois com formação e orientação é possível desenvolver valores e competências necessárias para se tornarem mais conscientes das oportunidades e dos riscos neles envolvidos, consequentemente podendo contribuir de modo mais consistente para formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.

REFERÊNCIAS

ARCURI, N. O. R. **Me Poupe! 10 passos para nunca mais faltar dinheiro no seu bolso**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2018.

BACEN. **Caderno de Educação Financeira: gestão de finanças pessoais**. Brasília: BCB, 2013. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2018.

BATISTA, P. N. JR. **O Plano Real à luz da experiência mexicana e argentina**. Estudos Avançados, v. 10, n. 28, p. 127-197, 1996.

BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey**. 1.ed. Belo Horizonte - MG, 1999.

CERBASI, G. P. **Como organizar sua vida financeira**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, p.18, 2009.

CERBASI, G. P. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. São Paulo: Editora Gente, p.22, 2004.

CONFORTE, A.; WESCHENFELDER, M. **Planejamento Financeiro Pessoal: um estudo teórico**. Revista Científica da Fachasul, v. 3, n. 5, 2010.

CDNL. **Número de jovens inadimplentes atinge 4,81 milhões de negativados entre 18 e 24 anos**. Disponível em: <<http://site.cndl.org.br/numero-de-jovens-inadimplentes-atinge-481-milhoes-de-negativados-entre-18-e-24-anos/>>. Acesso em: 16 set. 2018.

CHEROBIM, A. P. M. S.; ESPEJO, M. M. dos S. B. **Finanças pessoais: conhecer para enriquecer**. São Paulo: Atlas, 2010.

DATA POPULAR. **A Educação Financeira no Brasil: relatório quali-quantitativo**. 2008.

DOMINGOS, R. **Terapia financeira: quebre o ciclo de gerações endividadas e construa sua independência financeira**. São Paulo: Elevação, 2007.

DIAS, C. O; ARENAS, N. C. S; ARENAS, M. V. S; SILVA, R. M. P. **Perfil de educação financeira dos acadêmicos dos cursos de ciências contábeis, administração e economia de uma instituição federal de ensino superior brasileira**. In: XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária. 2017.

FERREIRA, R. **Como Planejar, organizar e Controlar seu Dinheiro**. São Paulo, 2006.

FERREIRA, V. R. de M. **Psicologia econômica: como o comportamento econômico influencia nas nossas decisões**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FRANCO, T. C. **O jovem e o crédito: uma estratégia de endividamento precoce**. In: XV Seminário de Iniciação Científica da PUC. Rio de Janeiro. Ago. 2007.

GASTALDI, J. P. **Elementos de economia política**. 16 Ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 5, p. 61, 2002.

HARVEY, D. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo. Ed. Hucitec, p.87, 1980.

HOJI, M. **Finanças de família: o caminho para a independência financeira**. 2. ed. São Paulo: Cia. dos Livros, 2010.

HSU. T. D.; LI. C. C.; NAI. Y. T.; TSENG. C. T.; CHUN. L. C. **Influence of financial literacy of teachers on financial education teaching in elementary schools. International Journal of e-Education, e-Business, e-Management and e-Learning**. v. 3, p. 68-73, 2013.

LEMES, A. B. J. **Administração financeira: princípios, fundamentos e práticas brasileiras**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

LOPES. J. A. **Nível de conhecimento financeiro dos jovens da geração y e estudantes de um centro universitário na zona sul de São Paulo**. 2014. Disponível em: <http://tede.fecap.br:8080/jspui/handle/tede/381>. Acesso em: 05 ago. 2018.

LUCENA, W. G. L.; MACIEL, R. G. C. **A precificação psicológica relacionada ao comportamento do consumidor no processo de decisão de compra de bens ou serviços**. In: IV Congresso Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, 2010, Natal. AnpCont, 2010.

LUCCI, C. R.; ZERRENNER, S. A.; VERRONE, M. A. G.; SANTOS, S. C. dos. **A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos**. In: XVII SemeAd Seminários em Administração, FEA – USP, out. 2014.

MARQUES, E. V.; SOUZA, A. C. A.; PESSOA, Y. B. **Análise da Gestão Financeira Pessoal de Gestores e Microempreendedores do Município de Fortaleza-Ceará - A Luz Das Finanças Comportamentais**. In: SIMPOI, São Paulo, 2014.

MACEDO. J. S. JR. **A árvore do dinheiro: guia para cultivar a sua independência financeira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

MATSUMOTO, A. S. **Finanças Pessoais: Um estudo sobre a importância do planejamento financeiro pessoal**. In: Encontro Nacional dos cursos de graduação em Administração. XXIV ENANGRAD, Florianópolis, 2013.

MOURA, A. G. **Impacto dos diferentes níveis de materialismo na atitude ao endividamento e no nível de dívida para financiamento do consumo nas famílias de baixa renda no município de São Paulo**. In: Dissertação de Mestrado. Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2005.

NEGRI, A. L. L. **Educação Financeira para o Ensino Médio da rede pública: Uma proposta inovadora.** 73 f. Dissertação (Mestrado em Educação), *In:* Centro Universitário Salesiano de São Paulo, São Paulo, 2010.

OCDE. **Organisation for Economic and Co-Operation Development.** Improving Financial Literacy. Analysis of Issues and Policies. Paris, 2005.

PINHEIRO, R. P. **Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão.** São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/arquivos/office/3_0_90420-113416-244.pdf> Acesso em: 10 ago. 2018.

PINTAUDI, S. M. **O Templo da Mercadoria. Estudo sobre os Shoppings Centers do Estado de São Paulo.** Tese (Doutorado em Geografia). *In:* Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1989.

PIRES, V. **Finanças pessoais fundamentos e dicas.** Piracicaba: Editora Equilíbrio, 2006.

PORTAL BRASIL. **Mulheres são maioria em universidades e cursos de qualificação.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/03/mulheres-sao-maioria-em-universidades-e-cursos-de-qualificacao>. Acesso em: 20 nov. 2018.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 3º ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

RODRIGUES, W. C. **Metodologia científica.** Faetec, Paracambi, 2007. Disponível em: http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33851445/metodologia_cientifica.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1487564888&Signature=LX88ZtMiXW69ZSPetVlo3VnGruE%3D&responsecontentdisposition=inline%3B%20filename%3DMetodologia_Cientifica_Conceitos_e_Defin.pdf. Acesso em 10 out. 2018.

SANTOS, L. C. **Investidor tradicional de renda fixa: perfil de risco e nível de preparo.** Revista de Negócios. Blumenau, v. 7, p. 127, 2003.

SANTOS, E. O. **Administração Financeira da pequena e média empresa: manual do investidor do Instituto de Estudos Financeiros (IEF).** São Paulo: Atlas, 1984.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. de A. **Paradigmas da educação financeira no Brasil.** Rio de Janeiro, 2007.

SALGUEIRO, B. T. **Oportunidades e Transformação na cidade centro.** Finisterra, XLI, p.18, 2006.

SILVA, A. B. B. **Mentes consumistas: Do consumismo à compulsão por compras**. 1. ed., São Paulo, Globo, p.14, 2014.

TOLOTTI, M. **As armadilhas do consumo: acabe com o endividamento**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J.; RIBEIRO, M. L.; LOHMANN, G. G. **Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do Paraná**. *In*: Seminários em Administração, SEMEAD, ed. 12, São Paulo, 2009.

WEBER, N. P. **Os desafios do mercado para os jovens universitários**. Disponível em: <<http://portal.metodista.br/rpcom/mundo-corporativo/os-desafios-do-mercado-para-os-jovens-universitarios>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

ZERRENNER, S.A. **Estudo Sobre as razões para a população de baixa renda**. 2007. Dissertação (Mestre em Ciências Administrativas), *In*: Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.